



CCB

**Força**  
Filipa Francisco e Companhia Maior

12 a 15 novembro 2015

dias 12, 13 e 14 às 21h / dia 15 às 16h / Pequeno Auditório / M/6

Duração aproximada: 1h10 s/intervalo | **Coprodução** CCB / Companhia Maior

# Força

## Filipa Francisco e Companhia Maior

**Criação e direção artística**

Filipa Francisco

**Banda-sonora e direção musical**

António-Pedro

**Cocriação e interpretação**

Carlos Fernandes  
Carlos Nery  
Celeste Melo  
Cristina Gonçalves  
Isabel Millet  
Iva Delgado  
João Silvestre  
Jorge Leal Cardoso  
Júlia Guerra  
Kimberley Ribeiro  
Michel  
Paula Bárcia  
e  
Angelina Mateus  
Diana Coelho  
Helena Marchand  
Manuela de Sousa Rama  
Maria Emília Castanheira  
Maria José Baião

**Codireção musical**

Michel

**Assistente**

Kimberley Ribeiro

**Direção coral**

Margarida Mestre

**Desenho de luz e direção técnica**

Carlos Ramos

**Guarda-roupa**

Ainhoa Vidal

**Textos sobre o espetáculo**

Paula Varanda

**Fotografia**

Bruno Simão

**Vídeo**

Fábio Silva

**Produção executiva**

Companhia Maior

**Produtor**

Luís Moreira

**Agradecimentos**

Backlight  
Companhia Nacional de Bailado  
Eficácia Livre  
El Corte Inglés  
Escola Superior de Música de Lisboa  
Espazo Self-Storage  
Jorge Silva  
Laurentiu Ivan Coca  
Maria João Cortes  
Neorelva Embalagens Metálicas SA  
Restart Instituto da Criatividade, Artes  
e Tecnologias  
Vitor Lajes  
Viveiros das Naus

**"Carinhoso"**

Letra de João de Barros  
Autor da música Pixinguinha  
Interpretado por Maria José Baião

# Que é que eles pensam e não dizem?



FOTOGRAFIAS DE ENSAIO © COMPANHIA MAIOR | FOTOGRAFIA DE BRUNO SIMÃO



Perante um manifesto claro do sentido de responsabilidade e desejo pelo bem-estar da família, que uma pessoa mais velha carrega; perante a consciência clara de um presente conflituoso, no país e no mundo, que tem que se enfrentar ano após ano; perante a constatação de que as dúvidas crescem com a vida e que é assim que cresce a sabedoria, Filipa Francisco propôs às mulheres e homens da Companhia Maior trabalharem sobre a força como palavra-chave para um espectáculo construído em conjunto.

Prosseguindo um processo criativo de procura e experimentação contínua dos efeitos desse estímulo – um método que a coreógrafa desenvolve há muito e que não é raro na dança contemporânea - todos enfrentaram a fragilidade da indefinição e das incertezas, que tem dias que enfraquecem e desmotivam; assim chegaram a uma composição coerente e original que é esta nova obra da Companhia Maior.

São os músicos que anunciam o princípio de uma jornada decidida e de fôlego, onde uns e outros se cruzam no caminho e encontram o que os une, definindo uma linha de força invisível. Ela é carregada do simbolismo da marcha em uníssono e de braços entrelaçados, que não deixa ficar ninguém para trás e reclama visibilidade para os precários e os fragilizados, silenciados ou esquecidos. Neste colectivo emerge, com subtilidade, uma crítica firme à sociedade de consumo e é legível a tormenta real de quem nela não detenha poder financeiro. Contrapõem-se, então, valores como a força das emoções e dos afectos e, através de muitas perguntas, as inquietações profundas e as posições que se tomam na vida afirmam-se. Em suma, os que agem, com atitude, ganham. E os que assistem só não perdem o conforto; até ver, porque essa segurança também é efémera.

Não é por acaso que aparece nesta peça uma citação da célebre *Mesa Verde* de Kurt Joos (1932). A Filipa tinha

vontade de aproveitar a rica experiência de vida dos intérpretes da companhia para recuperar memórias de dança; e, tendo uma das bailarinas efectivamente dançado essa coreografia no passado e, havendo na atmosfera do grupo uma genuína preocupação com a guerra e os refugiados, os excertos da secção “Dança da Morte”, da peça de Joos, fazem todo o sentido. O seu diálogo com os demais intérpretes e com os esboços de outras danças também é produtivo: mostra que há, apesar de tudo, possibilidades de resistência e alternativas de amor e de alegria.

A dado momento - especificamente com o toque da massagem - levantam-se questões sobre a proximidade e a privacidade: porque abandonamos a comunicação pelo toque após a juventude? Tocar é bom ou é invasivo? Foi involuntariamente que apareceu nesta peça o que eu reconheci como uma imagem do não menos famoso *Kontaktoff* de Pina Bausch (1978) - aquela cena de uma mulher que se submete às mãos de muitos homens - mas que agora, em *Força*, se concretiza com um homem acarinhado por muitos companheiros. Esta associação, de um olhar exterior, é contudo apropriada; não só as interrogações acima são, mais uma vez, pertinentes nas sociedades modernas - tanto mais quando a idade avança e o corpo se resguarda ou esconde - como em vários momentos da sua carreira Filipa Francisco tem prestado homenagem a Bausch. Acresce que lembrar os ausentes também contribui para a nossa força interior e, no espectáculo, essa componente exprime-se, pela palavra ou pelo gesto.

Filipa Francisco trabalha com as pessoas e as suas características individuais ou de comunidade com curiosidade e paixão. Ela é também uma artista interventiva, atenta aos direitos humanos, como vimos nas suas representações da violência doméstica (*Nu Meio*) das mulheres da República (*Para Onde Vamos?*) e da exclusão social de reclusos (*Rexistir*). Mais tarde, nas obras com as jovens da Cova da Moura (*Iman*) e com os ranchos folclóricos (*A Viagem*), ficou evidente o reconhecimento da precio-

sidade da diferença cultural. Nestas exigentes aventuras, a coreógrafa tem sabido harmonizar sátira e beleza e transmitir o valor da arte para a experiência e participação na vida.

Na Companhia Maior a artista encontrou exemplos surpreendentes e inspiradores da força de vontade que mostram, também aos mais novos, como o empenho, a aceitação e a cumplicidade nos levam longe. Nesta peça a coreógrafa elogia a força latente de corpos que julgamos como frágeis e dá voz a pessoas que querem falar do que está a acontecer ao mundo. Dentro destas pessoas residem histórias individuais fortes que, não sendo na maioria reveladas, vibram nos corpos que actuam com movimentos, com voz, com adereços e instrumentos.

Também faz parte desta *Força* uma orquestra. António Pedro, colaborador cúmplice de longa data, desafiou alguns elementos da companhia a resolverem artisticamente a sua revolta. Essa parte do grupo construiu a dimensão sonora do manifesto e tem em mãos, como diz o compositor, um exercício de democracia: fazem juntos e assumem a liderança à vez, conforme é preciso e consoante as competências de cada um.

PAULA VARANDA\*  
Outubro 2015

\* A AUTORA ESCRIVE SEGUNDO A ANTIGA ORTOGRAFIA.



**CARLOS FERNANDES**  
*De S. Paulo de Luanda, me trouxeram para cá.  
Rádio: Emissora Nacional, RDP, Parodiantes de Lisboa.  
Teatro – nova morada – Companhia Maior.  
Força – que ama.*



**CARLOS NERY**  
*Morrerei e não confessarei que sou velho. (Tadeusz Kantor)  
Força é aproar ao futuro.*



**CELESTE MELO**  
*Nasci com o teatro. Respirei teatro. Vivo com o teatro.  
Sim, eu sou capaz. Eu tenho “força” para fazer conseguir.*



**KIMBERLEY RIBEIRO**  
*Nasci Bailarina, reformei-me como Bailarina  
e hei-de morrer Bailarina.  
Força tenho eu para ensaiar muitas pessoas  
ao mesmo tempo.*



**MICHEL**  
*Desde 1948 de passagem neste planeta chamado Terra,  
como, bebo, caminho, danço, canto, voo...  
Sempre odiei a força. Força, só a da natureza,  
o meu templo secreto...*



**PAULA BÁCIA**  
*Sou mãe e avó por amor, fui professora por paixão  
e produtora por entusiasmo. Hoje os desafios são diferentes,  
mas igualmente enriquecedores.  
Boa parte da minha força vem da partilha com os outros.*



**CRISTINA GONÇALVES**  
*Nasci no Porto, fui professora de Inglês e de Alemão  
durante 40 anos, desenvolvi vários projetos de escola  
na área da dança. Estou na Companhia Maior desde  
a sua formação. A força está na verdade dos gestos,  
dos olhares, das palavras, das emoções...*



**ISABEL MILLET**  
*Desde sempre o teatro fez parte da minha vida.  
Força é a raiva que nos corre nas veias.*



**IVA DELGADO**  
*Tentei na vida conciliar os inconciliáveis e chegar longe  
nos afetos ficando perto deles.  
A força é o contrário da força, é o oposto do amor,  
é a máquina da fúria em solidão.*



**ANGELINA MATEUS**  
*Do controlo das contas públicas para o palco, com paixão.  
Frágil?! Quem disse frágil?*



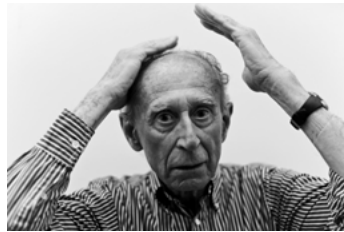
**DIANA COELHO**  
*Sempre que vinha atrás da última,  
era eu que não fechava a porta.  
Haja força que não disfarce a farsa.*



**HELENA MARCHAND**  
*Da ciência (professora aposentada da Universidade de Lisboa)  
passou para a arte (membro da Companhia Maior desde  
a sua criação; fotógrafa amadora). Atualmente estuda a raiz  
comum e as especificidades dos processos criativos nestas duas  
áreas. Encruzilhada de linhas, formas, sons, que não delimitam,  
não dividem nem se fecham. Força é mais do que tudo  
a expressão da igualdade na diferença.*



**JOÃO SILVESTRE**  
*Cresci com o teatro e nele hei-de ficar.  
A força de vontade tem de ser mais forte do que a habilidade.*



**JORGE LEAL CARDOSO**  
*Durante quarenta anos abracei a Engenharia das Obras  
Públicas, tendo também feito desporto e exercício,  
desde o futebol passando pelo ténis e pela dança .  
A Força que transmitimos nesta Força é para servir  
de força para as gerações futuras.*



**JÚLIA GUERRA**  
*Intérprete de teatro radiofónico, leitora de poesia, apresentadora  
de espetáculos, formadora de técnicas vocais e apresentações  
em público. Sempre orientou a sua vida para o teatro.  
Força é a própria vida e com ela me renovo todos os dias.*



**MANUELA DE SOUSA RAMA**  
*Atriz, bailarina, cantora, na Companhia Maior.  
Ao lema da Companhia Maior, desde o início  
«O nosso tempo é amanhã» juntamos, agora, mais força.*



**MARIA EMÍLIA CASTANHEIRA**  
*Há dias, aceitando um convite da Associação de Advogados  
sem Fronteiras da Língua Portuguesa para uma participação poética,  
pedem-me palavras biográficas de apresentação, revejo-me espontânea  
“libertei-me do Direito, disse apenas que sou agora uma mulher feliz,  
inteiramente livre para a Poesia e o Teatro.” Agora um lugar para a força.  
Um olhar distante para a permanente inquietação de ler os dias.  
Disponível para fortalecer a vida.*



**MARIA JOSÉ BAIÃO**  
*A vida tem-me oferecido muitos palcos - sempre,  
o de maior fruição tem sido o Teatro.  
- De fraquezas se fez... Força!*



FOTOGRAFIAS DE ENSAIO © COMPANHIA MAIOR | FOTOGRAFIA DE BRUNO SIMÃO

## BIOGRAFIAS

### FILIPA FRANCISCO COREÓGRAFA

Estudou Dança, Teatro, Improvisação e Dramaturgia, na Escola Superior de Dança, na Companhia de Dança Trisha Brown, no Lee Strasberg Institute, em Nova Iorque e com o dramaturgo André Lepecki. Trabalhou com os coreógrafos e encenadores Francisco Camacho, Vera Mantero, Sílvia Real, Madalena Vitorino, Rui Nunes, Aldara Bizarro, Paula Castro, Bruno Cochat, Lucia Sigalho e João Garcia Miguel. Membro Fundador com Bruno Cochat da Cia. Torneira com a qual criaram a peça *Nu Meio* apresentada desde 1996.

Dos seus trabalhos destaca *Leitura de Listas* em colaboração com André Lepecki, *Dueto* e *Bicho eres un bicho* (espetáculo e livro) em cocriação com a coreógrafa Basca, Idoia Zabaleta. Estes espetáculos foram apresentados em vários festivais em Portugal e no estrangeiro.

Desenvolveu durante sete anos um trabalho de formação e criação com reclusos do Estabelecimento Prisional de Castelo Branco (Projeto Rexistir) com produção do CENTA. Em 2007 foi artista convidada do projeto de “Reinserção pela Arte” promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian, em Centros Educativos. Pelo grupo El-Funoun – Grupo de Dança Tradicional da Palestina, para lecionar um *workshop* de Dança Contemporânea, em conjunto com o coreógrafo Carlos Pez. Em 2007/2008 foi Diretora Artística de “Nu Kre bai bu onda,” um projeto de formação em dança e criação, no bairro da Cova da Moura (produção ALKANTARA). Com este grupo criou *Íman*, considerado pela crítica do jornal *Público* o melhor espetáculo do ano.

Desde há quatro anos que circula com a peça *A Viagem* (2011), espetáculo criado com grupos folclóricos.

As últimas criações (2014) foram, com o grupo 37.25 de São Miguel, Açores. A peça *cardume* inspirada na Vila de Rabo de Peixe, incluiu uma pesquisa sobre o local, apresentações em *site specific*, *workshops* e a estreia no Festival Walk&Talk com jovens da comunidade. *Cheio solo* para um palhaço criado para Thorsten, mais conhecido como tosta mista.

Em 2015 apresenta uma nova criação com a Companhia Maior, a estrear no Centro de Cultural de Belém. Em 2016, com o projeto Espiões e os cocriadores Francisco Camacho, Sílvia Real, Miguel Pereira, Idoia Zabaleta em estreia no Festival Materias Diversos, Maria Matos e Rivoli Porto.

É artista associada da Materiais Diversos e diretora artística da Associação Mundo em Reboição.

### ANTÓNIO-PEDRO BANDA-SONORA E DIREÇÃO MUSICAL

Desenvolve a sua atividade artística entre a música, o cinema e as artes performativas: compõe e toca para teatro, cinema e dança, e desenvolve vários projetos e ateliers onde filma, toca e compõe, tentando aprofundar a relação entre imagem e som. Neste momento em digressão nacional e internacional com *Sopa nuvem – um thriller gastronómico*, prémio MOMIX 2014 (França); *Poemas para Bocas Pequenas*, recital cocriado com Margarida Mestre; e *A Viagem*, de Filipa Francisco.

Compôs para curtas, médias e longas-metragens de Ivo M. Ferreira, Margarida Leitão, Leonor Noivo, Edgar Medina, Vasco Diogo; espetáculos com O Bando, Teatro Meridional, Teatro da Serra de Montemuro, Ainhua Vidal, Filipa Francisco, Companhia de Dança de Almada, Caroline Bergeron, Compagnie Sac a Dos (Be), Turak (Fr), Le luxe (Be), José Carretas e Miguel Abreu, entre outros.

Tocou ou gravou com João Afonso, Clara Andermatt, Real Pelágio, João Lucas, Fernando Mota, Camané, Jon Luz, Zé Eduardo, Artistas Unidos, Amélia Bentes, e dirige a Bigodes Band, inspirada na música dos filmes de Fellini. Realizou, com Ivo M.Ferreira, *O homem da bicicleta – Diário de Macau* (prémios do Público nos VIII Encontros de Cinema Documental Amascultura e Melhor Documentário nos Caminhos do Cinema Português 1999), a curta *Filme-Aperitivo*, com Rita Figueirêdo, encomenda do Festival Indie Lisboa, e *Pequeno Grande C*, encomenda da Fundação Calouste Gulbenkian.

É licenciado em Sociologia, estudou Cinema na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, e Música na Drummers Collective, Nova Iorque, Hot Clube de Portugal, Escola de Jazz do Barreiro e Jazz Clube de Macau. É codiretor artístico da Companhia Caótica.





FOTOGRAFIAS DE ENSAIO © COMPANHIA MAIOR | FOTOGRAFIA DE BRUNO SIMÃO

## A HISTÓRIA DA COMPANHIA MAIOR

A Companhia Maior, em residência no Centro Cultural de Belém [CCB], em Lisboa, é composta por artistas com mais de 60 anos de idade, vindos de diversos quadrantes da criação artística — dança, teatro, música — e com diferentes experiências. A companhia foi criada em 2010, por iniciativa de Luísa Taveira, com a missão de promover a criatividade na idade maior, em contacto com as várias gerações de criadores e no contexto interdisciplinar da criação contemporânea, de valorizar saberes adquiridos e aperfeiçoados ao longo do tempo e de proporcionar as condições para a sua expressão e comunicação.

Para a concretização daqueles objetivos, as atividades da Companhia Maior têm duas vertentes essenciais: a produção e a apresentação de espetáculos e a realização de atividades de formação — ateliês, seminários, *workshops* e residências artísticas.

O primeiro espetáculo da Companhia Maior, *Bela Adormecida*, com texto e encenação de Tiago Rodrigues, e coprodução do Mundo Perfeito, foi estreado no dia 28 de outubro de 2010, no CCB. O elenco de catorze intérpretes foi constituído através de uma audição, realizada sob a forma de um *workshop*, dirigida por Tiago Rodrigues, no CCB, entre os dias 4 e 14 de março de 2010. Este primeiro grupo de intérpretes participaria também nos *workshops* de formação subsequentes, efetuados nas áreas da dramaturgia, da música e da dança contemporânea, orientados, respetivamente, por Jacinto Lucas Pires, João Lucas e Clara Andermatt, que antecederam a estreia pública da Companhia Maior.

Em 2011, os *workshops* de formação orientados por Vítor Rua, no campo da música, e, novamente, por Clara Andermatt, no âmbito da dança, abriram as portas a novos elementos, passando, desde então, a equipa artística a ser constituída por dezanove intérpretes, dezassete dos quais interpretariam *Maior*, o segundo espetáculo da Companhia Maior, com coreografia de Clara Andermatt. Estreado a 8 de dezembro de 2011, no CCB, o espetáculo contou com o apoio à produção executiva da Companhia Clara Andermatt.

Novos *workshops*, sob orientação de Teresa Lima, de Nuno Cardoso e de Mónica Calle, realizados entre março e julho de 2012, no CCB, prepararam a Companhia para a sua terceira criação, *Iluminações*, com encenação de Mónica Calle, cuja estreia, no dia 3 de novem-

bro desse ano, seria, como habitualmente, acolhida pelo CCB.

Já em 2013, a Companhia Maior participa no espetáculo *A Visita da Velha Senhora*, com encenação de Nuno Cardoso, estreado no dia 7 de março, no São Luiz Teatro Municipal, em Lisboa. Para além desta entidade, o espetáculo contou com a coprodução de Ao Cabo Teatro, da Companhia Maior e do Centro Cultural Vila Flor. O espetáculo foi também apresentado no Teatro Nacional de São João.

No dia 26 de outubro, a companhia participa na Maratona 10 anos 10 horas, no Maria Matos Teatro Municipal, em Lisboa, um evento que assinala o 10.º aniversário da Mala Voadora e do Mundo Perfeito e o 44.º aniversário daquele teatro.

Ainda nesse ano, a Companhia Maior apresenta um novo espetáculo, *Estalo Novo*, dirigido por Ana Borralho e João Galante, a 28 de outubro, no CCB, depois de ter estado envolvida em dois *workshops* de formação: o primeiro orientado pelos dois criadores e o segundo conduzido por João Fiadeiro e Fernanda Eugénio.

Com um elenco alargado, desde fevereiro de 2014, contando com um total de vinte e sete intérpretes, e depois dos *workshops* na área do teatro orientados, respetivamente, por Jorge Andrade e Peter Vandenbempt, a companhia estreia quase em simultâneo dois novos espetáculos, em Lisboa. No dia 24 de outubro, o CCB acolheu a peça *O melhor e o mais rápido, o pior e o mais triste, o mais longo, o mais complexo, o mais difícil e o mais divertido*, com texto de Tim Etchells e encenação de Jorge Andrade, enquanto, cinco dias depois, o Maria Matos Teatro Municipal apresentou *Um de nós*, uma encenação de Peter Vandenbempt.

No final de 2014, em dezembro, a Companhia Maior inicia o seu processo de internacionalização, com a apresentação do espetáculo *Estalo Novo* na MA scène national, em Montbéliard, França.

Em 2015, os intérpretes da Companhia Maior participaram em *workshops* conduzidos por Luís Madureira (voz e elocução), Luís Almeida (canto coral) e Filipa Francisco, artista a quem caberá a direção artística da nova criação da Companhia Maior, *A voz do corpo: força maior*, a estrear no dia 12 de novembro, no CCB.

A Companhia Maior tem apresentado as suas criações em vários espaços culturais e salas, por todo o país, nomeadamente, Teatro Municipal de Bragança, Cine-Teatro de Estarreja, TEMPO - Teatro

Municipal de Portimão, Centro Cultural Vila Flor, em Guimarães, Teatro Viriato, em Viseu, TeCa – Teatro Carlos Alberto, no Porto, Teatro Micaelense, em Ponta Delgada, Teatro Virgínia, em Torres Novas, Teatro Municipal da Guarda, Casa da Cultura de Alfândega da Fé, Centro de Espetáculos, em Tróia, Teatro Municipal Joaquim Benite, em Almada, Teatro Gil Vicente, em Coimbra, Teatro-Cine de Torres Vedras, Teatro Aveirense e FIL – Feira Internacional de Lisboa.

A Companhia Maior, cuja direção é atualmente assegurada por Luísa Taveira e Tiago Rodrigues, deseja fazer a ponte entre instituições culturais, procurando que diversos teatros sejam parceiros fixos, tanto no plano do acolhimento como da coprodução de criações da companhia, e ajudem a pensar e a concretizar o futuro deste projeto, que aposta na ideia de que a criação contemporânea no âmbito das artes performativas pode desenvolver a sua capacidade de pesquisa, experimentação e inovação através de uma estratégia inclusiva de artistas mais velhos e experientes, e assenta na convicção de que a sua relevância extravasa as fronteiras da arte.

Para além do discurso artístico veiculado em cada espetáculo, a Companhia Maior pretende dar um sinal claro a vários setores da sociedade portuguesa de que a arte tem um importante papel no que diz respeito à dignificação e à intervenção das pessoas de toda uma faixa etária que, regra geral, a aposentação afastara da esfera pública ativa.

A Companhia Maior, que tem o estatuto de Associação Cultural, apesar de ser, essencialmente, um projeto de criação artística, pode ser um símbolo de uma mudança mais profunda e abrangente na sociedade. É por esse motivo que existe na Companhia Maior um Conselho Consultivo — constituído por Daniel Sampaio (presidente), Eduardo Marçal Grilo, António Mega Ferreira e Jacinto Lucas Pires — cuja função é assegurar uma discussão contínua sobre o funcionamento da companhia, sobre a sua missão artística e sobre o seu impacto, que se estende claramente para além das fronteiras estritas da criação artística em si.

COMPANHIA MAIOR

APOIO À PRODUÇÃO



## COMPANHIA MAIOR

ARTISTAS  
ANGELINA MATEUS  
ANTÓNIO PEDROSA  
CARLOS FERNANDES  
CARLOS NERY  
CATARINA RICO  
CELESTE MELO  
CRISTINA GONÇALVES  
DIANA COELHO  
ELISA WORM  
HELENA FALÉ  
HELENA MARCHAND  
ISABEL MILLET  
ISABEL SIMÕES  
IVA DELGADO  
JOÃO SILVESTRE  
JORGE LEAL CARDOSO  
JÚLIA GUERRA  
KIMBERLEY RIBEIRO  
LÚCIA MARTA  
MANUELA DE SOUSA RAMA  
MARIA EMÍLIA CASTANHEIRA  
MARIA JOSÉ BAIÃO  
MICHEL  
PAULA BÁRCIA  
VITOR LOPES  
CONSELHO CONSULTIVO  
DANIEL SAMPAIO  
ANTÓNIO MEGA FERREIRA  
EDUARDO MARÇAL GRILO  
JACINTO LUCAS PIRES  
ASSEMBLEIA GERAL  
JACINTO LUCAS PIRES  
DANIEL SAMPAIO  
CLÁUDIA GAIOLAS  
DIRECÇÃO DA ASSOCIAÇÃO  
LUÍSA TAVEIRA  
TIAGO RODRIGUES  
CONSELHO FISCAL  
EUGÉNIO SENA  
MAGDA BIZARRO  
RITA BAGORRO  
ASSESSORIA JURÍDICA  
FERNANDA RODRIGUES  
PRODUTOR  
LUÍS MOREIRA  
CONTACTO  
COMPANHIA MAIOR@GMAIL.COM  
TELEMÓVEL +351 924386010  
WWW.FACEBOOK.COM/  
COMPANHIA-MAIOR

PARCEIRO MEDIA



## CCB

### CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

ANTÓNIO LAMAS  
PRESIDENTE  
DANIEL SILVA  
VOGAL  
MIGUEL LEAL COELHO  
VOGAL  
DIRECÇÃO DAS ARTES DO ESPETÁCULO  
ASSISTENTE  
PAULA FONSECA  
CONSULTOR PARA A ÁREA DA MÚSICA  
ANDRÉ CUNHA LEAL  
CONSULTOR PARA DANÇA E MÚSICAS PLURAIS  
FERNANDO LUÍS SAMPAIO  
PRODUÇÃO  
INÉS CORREIA  
PATRÍCIA SILVA  
HUGO CORTEZ  
VERA ABREU  
JOÃO LEMOS  
SOFIA SANTOS ESTAGIÁRIA  
DIRETORES DE CENA  
PEDRO RODRIGUES  
PATRÍCIA COSTA  
JOSÉ VALÉRIO  
DIRECÇÃO DE CENA  
TÂNIA AFONSO  
CATARINA SILVA  
ESTAGIÁRIA  
SECRETARIADO  
YOLANDA SEARA  
CHEFE TÉCNICO DE PALCO  
RUI MARCELINO  
CHEFE TÉCNICO DE GESTÃO E MANUTENÇÃO  
SIAMANTO ISMAILY  
CHEFE DE EQUIPA DE PALCO  
PEDRO CAMPOS  
TÉCNICOS PRINCIPAIS  
LUÍS SANTOS  
RAUL SEGURO  
TÉCNICOS EXECUTIVOS  
F. CÂNDIDO SANTOS  
CÉSAR NUNES  
JOSÉ CARLOS ALVES  
HUGO CAMPOS  
MÁRIO SILVA  
RICARDO MELO  
RUI CROCA  
HUGO COCHAT  
DANIEL ROSA ESTAGIÁRIO  
CHEFE TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS  
NUNO GRÁCIO

APOIO À PROGRAMAÇÃO



CHEFE DE EQUIPA DE AUDIOVISUAIS  
NUNO BIZARRO  
TÉCNICOS DE AUDIOVISUAIS  
RUI LEITÃO  
EDUARDO NASCIMENTO  
PAULO CACHEIRO  
NUNO RAMOS  
MIGUEL NUNES  
TÉCNICOS DE AUDIOVISUAIS EVENTOS  
CARLOS MESTRINHO  
RUI MARTINS  
TÉCNICOS DE MANUTENÇÃO  
JOÃO SANTANA  
LUÍS TEIXEIRA  
VÍTOR HORTA  
SECRETARIADO DE DIRECÇÃO TÉCNICA  
SOFIA MATOS

## A SEGUIR

27.28 nov 2015  
dia 27 às 21h / dia 28 às 19h  
Sala de Ensaio / M/12  
Produção: CCB

### BOXNOVA

## This is Not a Love Story. This is A and B

Conceção, coreografia e figurinos **Maurícia | Neves**  
Interpretação **António Torres** e **Barbara Carlos**  
Desenho de luz **Maurícia | Neves** e **Francisco Leston**  
Música **Says de Nils Frahm**, **Little Smoke** de **This will destroy you**  
Vídeo e fotografia **Duck Production**  
Residências **Alcantara**, **Espaço do tempo**, **Eira**

Hoje em dia, o quotidiano é a ode ao desespero.  
B é manipulada cruamente, sente-se a ir e a voltar.  
Não compreende a dor mas aceita-a. A é uma interrupção de B.  
B aceita-o, deixa-se interromper. Deixa-se corromper.  
Parecem íntegros um ao outro mas não são. Parecem atenciosos mas não são. Parece sexual mas não é. Aprendem o jogo um com o outro, transformando-se. Saturados com o quotidiano, com a repetição.  
A e B são mecanismos de defesa deles próprios e do que os rodeia.  
São jogos de poder. Eles colidem, remexem-se. E o poder cai.  
Já não há poder, só revolta. B sempre manipulou A a manipula-la.  
A relação de A e B é superficialmente calorosa e profundamente fria.